



# O OUTRO QUE ESTÁ AO MEU LADO: UMA ENTREVISTA COM IVETE WALTY

THE OTHER ON MY SIDE: AN INTERVIEW WITH IVETE WALTY

**Ivete Walty**

ENTREVISTA POR: **Otávio Augusto de Oliveira Moraes\***

\* [otaviomoraesrg@gmail.com](mailto:otaviomoraesrg@gmail.com)

Doutorando em Literatura pela UFMG, mestre em literatura pela PUC-MG.

O gênero entrevista demanda do entrevistador, principalmente quando atrelado ao universo acadêmico, que certas premissas sejam respeitadas. Uma das mais importantes é a manutenção de um certo tom neutro, um certo distanciamento entre entrevistador e entrevistado. É imperativo que a discussão envernize uma frieza intelectual, como se o embate de ideias, o exercício reflexivo, implicasse em uma progressiva fantasmagoria.

A professora Ivete Walty embaralha essas premissas formais tornando, portanto, uma incongruência que eu escreva uma apresentação neutra, formalista, algo costurado por uma polidez insossa. Entrevista-la e ainda mais escrever uma apresentação acerca de sua entrevista é impregnar-se irresistivelmente de tal sanha subversiva.

Quando me tornei seu aluno, mais um dentre as gerações de críticos e professores de literatura que ela formou aqui nas Minas Gerais, foi surpreendente perceber os entrelugares de suas reflexões e, fundamentalmente, de suas práticas. Em uma mesma quarta-feira assisti durante à tarde a professora Ivete lecionando uma interessantíssima aula sobre o texto *A partilha do sensível* do teórico francês Jacques Rancière no Programa de Pós-Graduação em Literatura da PUC-MG e, no anoitecer, sua participação em uma roda de conversa sobre os saraus de rua de Belo Horizonte no Centro de Referência da Juventude, conversando de igual com a moçada do *rap* e do *slam*.

A professora Ivete em sua prática de educadora e pesquisadora ensina para todos nós, seus pupilos, que

as fronteiras entre o que é considerado “alto”, “baixo”, “canônico” e “popular” são vendidas pelo pensamento tradicional e elitista como dimensões andinas, mas não passam, quando colocadas devidamente sob o escrutínio do pensamento crítico, de castelinhos de areia. O popular e o erudito são dinâmicas que interpenetram-se em uma totalidade instável, insubmissa e sempre faminta por liberdade.

COMO A SRA. DEFINIRIA SUA FORMAÇÃO INTELECTUAL? SUA TRAJETÓRIA É MARCADA POR UMA GRANDE GAMA DE INTERESSES: ENSINO DE LITERATURA, TEORIA DA LITERATURA, LITERATURA BRASILEIRA, LITERATURA INDÍGENA. EXISTE UMA ESPÉCIE DE ELO INTERROGATÓRIO, UMA QUESTÃO DE BASE, QUE LIGA SEU INTERESSE POR ESSES DIVERSOS CAMPOS?

Menina do interior, cresci em uma cidade sem biblioteca, mas sempre fui apaixonada pela leitura: livros adquiridos por meus pais e irmãos mais velhos, quadrinhos trocados com outras crianças, jornais... Acostumada com as histórias populares contadas por meu pai, os livros me seduziam; o prazer chegava a ser físico, como no caso da personagem de Felicidade Clandestina, de Clarice Lispector. Não tive um mentor para orientar minhas leituras, como tiveram Graciliano Ramos ou Silviano

Santiago, por exemplo. A lacuna cultural de minha formação não me impediu de correr atrás do que queria. Depois de me formar e trabalhar como professora primária, resolvi fazer Letras. A falta do aprendizado de uma língua estrangeira me levou à licenciatura exclusiva de Português. Daí, com uma monitoria em Teoria da Literatura, abri novas sendas que até hoje percorro, fazendo-as cruzar com outras.

A preocupação com o ensino da literatura é, entre outras coisas, fruto do meu trabalho com crianças e jovens e da consciência de que, em um país carente, a partilha do que aprendemos é uma obrigação, sobretudo se temos uma condição privilegiada de pesquisa, como passei a ter sendo docente da Faculdade de Letras da UFMG. Ministrando cursos para formação de professores pelo Brasil a fora, juntei-me a outras colegas (Graça Paulino, Maria Nazareth Fonseca, Maria Zilda Cury) para escrever livros voltados para esse público (*Intertextualidades: teoria e prática; Textos sobre textos: um estudo da metalinguagem; Palavra e imagem*, entre outros.)

A opção pela literatura indígena veio no doutoramento, depois de participar da elaboração do livro do índio Pichuvy Cinta-larga, *Histórias de maloca antigamente*

(1985), com Leda Leonel e Ana Leonel. Descortinei nas narrativas desse povo uma outra maneira de ver o mundo, marcada pelo movimento, pela integração e pela metamorfose. Uma forma a que chamaríamos poética. Vi que a luta contra os índios não se dava, ou se dá ainda hoje, só por causa da terra. Ocorre porque o modo de vida desses povos ameaça a ordem ocidental instituída pela necessidade da posse, pela concorrência, pela acumulação de riquezas, pela força das fronteiras. Aprendi com os índios que o caminho se faz caminhando e que a força do coletivo é transformadora.

Nasci com um senso de justiça exacerbado. É essa uma das marcas de meu trabalho: o OUTRO que está ao meu lado. Os conhecimentos de áreas diversas me fornecem lentes para estudar relações entre os sujeitos sociais no tempo e no espaço, percebendo assim a formação de territorialidades atravessadas por jogos de poder. Estudar linguagem não exige fronteiras porque a linguagem é algo que nos constitui, que nos habilita a viver. Meus estudos atuais penetram ousadamente pela linguística, semiótica e poética cognitivas, que evidenciam que nossa mente, em sua capacidade de construir relações, é literária, é metafórica. Todos podem criar, todos produzem conhecimento e arte. Essa convicção move meu percurso.

A TEMÁTICA DA VIOLÊNCIA É RECORRENTE NOS SEUS ESTUDOS SOBRE LITERATURA E CULTURA. PERCEBO, TANTO A PARTIR DA MINHA EXPERIÊNCIA ENQUANTO SEU ALUNO QUANTO NOS SEUS ESCRITOS, UM EXERCÍCIO CRÍTICO MUITO AFIM COM A PROPOSTA BENJAMINIANA DE “ESCOVAR A HISTÓRIA A CONTRAPELO”, PENSAR A VIOLÊNCIA FORA DE UMA DISCURSIVIDADE ÉPICO-HERÓICA. TENDO EM VISTA ESSE PANO DE FUNDO PERGUNTO, O QUE É PARA A SRA. HISTÓRIA DA LITERATURA?

Entre todas as formas de violência, a mais forte é obstruir a subjetividade do outro, impedindo-o de constituir-se como sujeito. Esse assalto à subjetividade pode ser físico ou simbólico. O simples ato de ignorar o outro é extremamente violento. Por isso, para pensar a história da literatura, há que se recorrer mesmo a Walter Benjamin (1987), com seu conceito de história constelar. O autor propõe um rompimento do continuum da história; a linha artificialmente construída, implodida, geraria cacos a se encontrarem produzindo sentidos não previstos. Para construir uma linha uniforme a história tradicional deixa de fora tudo o que lhe perturba a unidade. Semelhante à ideia de ordem, que deixa de lado o caos. Como mostra Edgar Morin (2005), em seus estudos sobre a teoria da complexidade, o caos gera vida, gera conhecimentos, gera diferença. Da mesma forma, a

história da literatura em seus grandes manuais seleciona o que lhe parece mais importante naquele momento. Veja, por exemplo, a polêmica de Haroldo de Campos (O sequestro do Barroco, 2011) com Antonio Candido, a respeito da presença do Barroco na literatura brasileira. O questionamento da linearidade, da relação de fonte e influência leva à revisão do cânone. O advento dos Estudos culturais desloca o conceito de estética, colocando no universo dos estudos literários produções dadas como sem qualidade, sem valor. A discussão a esse respeito não acabou, antes continua sob novas perspectivas: o racismo, a ideologia de gênero, a migração forçada, entre outros temas. A margem “contamina” o centro e o desloca, o simulacro mostra que tudo é cópia (Cf. Deleuze, 1974).

A ideia de cópia se desdobra em outros conceitos e procedimentos. Em lugar de paráfrase, paródia, pastiche, marcas da modernidade, vêm revival, sampling, remediation (CF. MOSER E KLUSCINKAS, 2007). A retomada de textos, de posturas, de estilos, sempre presente no universo de construção de conhecimento, é cada vez mais usada e exibida. Trata-se, na verdade, do resultado da capacidade recursiva do homem, procedimento mental que traz o mesmo, conferindo-lhe novas formas.

Por isso, a história é sempre revisada; depende de quem a conta e para quem a conta, com que objetivos, valendo-se de que estratégias. Observe-se que já não há grandes manuais de história da literatura sendo lançados. O que se vê são coleções com ensaios de autores diversos, com pontos de vista diferentes. Para ficar em dois exemplos, cito obras de que participei como autora de capítulos: *Literary Cultures of Latin America: a comparative history*, organizado por Mario J. Valdés e Djelal Kadir (2004) e a *Literatura afro-brasileira: 100 Autores do Século XVII ao XXI*, organizada por Eduardo Assis Duarte.

No ensaio “História da literatura: algumas considerações teóricas”, Maria Eunice Moreira (2002) traça uma trajetória do conceito de história da literatura em interação com o próprio conceito de história, desde sua origem sob o signo do estado-nação, até os dias de hoje quando é reconhecida como uma construção regida pelo lugar do historiador.

Em palestra sobre Violência e literatura na PUCMinas, Nabil Araújo<sup>1</sup> discorre sobre a violência da história, da teoria e da crítica literárias, justamente porque a os critérios de seleção e valor são sempre

1. Sobre a violência da crítica: canonização historiográfica como domesticação da alteridade. Ensaio a ser publicado no livro *Escritas da violência* (2020)

relativos e, conseqüentemente, as metodologias críticas são excludentes.

O que defendo é, pois, uma história da literatura inclusiva, daí ter aceitado com prazer integrar o volume *Literatura mineira: trezentos anos*, organizado por Jacyntho Lins Brandão (BDMG, 2019), com um ensaio sobre a literatura marginal: “Minas Gerais: de territórios e margens da literatura”.

A SRA. TEVE COMO TEMA DE SUA TESE DE DOUTORADO O LIVRO HISTÓRIAS DE MALOCA ANTIGAMENTE, OBRA DE AUTORIA DE PICHUVY CINTA LARGA. SUA PESQUISA FOI PIONEIRA NO DESAFIO DE PENSAR A PRODUÇÃO INDÍGENA SOB AS LENTES DO LITERÁRIO. EU GOSTARIA DE FAZER DUAS PERGUNTAS, INTIMAMENTE CORRELACIONADAS. TENDO EM VISTA O HISTÓRICO CONCEITUAL DO TERMO LITERATURA, SUAS RAÍZES OCIDENTAIS, PERGUNTO, EXISTE LITERATURA INDÍGENA? SEJA NO CASO DE UMA RESPOSTA AFIRMATIVA OU NEGATIVA EMERGE UMA OUTRA QUESTÃO DESSE INTRICADO PROBLEMA. COMO AS PRODUÇÕES INDÍGENAS IMPACTAM NO PROCESSO DE PENSAR LITERATURA NO BRASIL?

A sua própria pergunta contém uma resposta possível; quando você mostra a relação entre o termo literatura

e suas raízes ocidentais, ressalta-se uma concepção de literatura, mais evidentemente ligada à letra, à escrita. A geógrafa Doreen Massey faz uma leitura da modernidade como um período de imposição de uma história única, a história do mundo ocidental. Para ela, que considera o espaço como um cruzamento de trajetórias, um encontro de histórias, essa pluralidade de histórias foi escamoteada, elidida em nome de um modo único de ver o mundo. Ora, no caso do Brasil, as histórias indígenas fazem parte desse contingente de territorialidades apagadas. Trabalhar com um livro de narrativas indígenas, no final dos anos 1980, na USP, não foi fácil; a ideia de que não se podia considerar objeto de estudo em um doutorado de Teoria Literária e Literatura Comparada, um texto sem qualidade era um dos argumentos críticos usados pelos examinadores. Anos mais tarde, participei na PUCSP da banca examinadora da tese de Maria Inês de Almeida, que trazia no título a expressão *Literatura indígena*. Isso significava uma abertura de espaço, uma expansão da reflexão sobre histórias orais grafadas depois na língua do colonizador em duas instâncias: o português na colonização propriamente dita e o brasileiro e outros agentes estrangeiros no trabalho de “civilizar” os nativos, trabalho este empreendido até hoje. A professora Maria Inês de Almeida continua durante muito



com o trabalho editorial de livros indígenas e também tem um ensaio no mencionado livro sobre os trezentos anos da literatura mineira: “Cantores de leitura: apontamentos sobre literatura indígena em Minas Gerais.” Ali, trabalhando o conceito de literatura como experiência, afirma a Autora:

Podemos afirmar que o gesto escritural dos indígenas, por um lado, pode ser visto como fundação da sua literatura no sentido de uma experiência que põe em crise o mito, mas, por outro lado, como atualização, revitalização do mito, que, inclusive, pode fagocitar os leitores. (ALMEIDA, 2019, p. 183)

Orais ou escritas, o que se tem são histórias dos povos indígenas a serem partilhadas entre eles e com os não índios, por meio de uma enunciação que se faz coletiva. Não são apenas histórias sobre os índios, são histórias contadas pelos índios que as experienciaram em domínios diversos.

Quando escrevi minha tese tive como objetivo investigar a relação entre organização narrativa e visão do mundo. E, como já disse, percebi a integração dos reinos animal, vegetal e mineral em um universo em que o homem se coloca no nível dos outros seres, em uma visão de mundo a que chamaríamos ecológica. Em A queda do

Céu, Davi Kopenawa aponta os riscos que a humanidade corre por romper essa cadeia ecológica. Bem recentemente, Ailton Krenak afirma:

É terrível o que está acontecendo. mas a sociedade precisa entender que não somos o sal da terra. Temos que abandonar o antropocentrismo; há muita vida além da gente, não fazemos falta na biodiversidade. Pelo contrário. Desde pequenos, aprendemos que há listas de espécies em extinção. Enquanto essas listas aumentam, os humanos proliferam. Destruindo florestas, rios e animais. Somos piores que a Covid 19. Esse pacote chamado de humanidade vai sendo descolado de maneira absoluta desse organismo que é a terra, vivendo numa abstração civilizatória que suprime a diversidade, nega a pluralidade das formas de vida, de existência e de hábitos. (KRENAC, 2020)

Mesmo sem entrar no mérito do valor ou no conceito de literatura, pode-se afirmar que os indígenas têm histórias a contar e nós temos a aprender com eles. Como diz Pichuvy, na apresentação do livro: “Mantere ma kwé tihim: estamos aqui, vamos nos ver, vamos nos conhecer.”

OS ANOS VINTE DO AINDA JOVEM SÉCULO XXI APRESENTAM-SE ENQUANTO UMA TEMPORALIDADE QUE TOMA A CULTURA

COMO PONTO FUNDAMENTAL DE DISPUTA. O ATUAL GOVERNO, CHEFIADO PELO PRESIDENTE JAIR BOLSONARO, TRADUZ ESSAS APOSTAS ATRAVÉS DE SEUS RESPECTIVOS SECRETÁRIOS DA CULTURA TENDO COMO MOTE A DEFESA DA FEIÇÃO JUDAICO-CRISTÃ DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA. SOB TAL CONTEXTO, POR QUE ENSINAR LITERATURA? PARA QUEM ENSINAR LITERATURA? OU MELHOR, O QUE FAZER COM O ENSINO DE LITERATURA? ALGO MUDOU OU PRECISA MUDAR NA MANEIRA COMO A LITERATURA É ENSINADA?

Fiz muito recentemente uma palestra na Academia Mineira de Letras, intitulada “A anti-violência da literatura”. Vali-me das reflexões de Rancière para mostrar com a organização literária pode fazer mudar as formas de partilha do sensível, em nosso estar no mundo. Rancière, demonstrando a diferença entre polícia e política, propõe que a escrita se faz política “porque traça, e significa, uma re-divisão entre as posições dos corpos”, operando “uma re-divisão entre a ordem do discurso e a das suas condições.” (RANCIÈRE, 1995, p.8.)

O autor, ao apontar o papel político da literatura na encenação do jogo interlocutivo social, evidencia a literatura como um lugar de dissonância, que faz o ruído se tornar discurso, pois a atividade política é a que desloca “um corpo do lugar que lhe era designado ou muda a

destinação de um lugar”. A atividade política faz ver o que não cabia ser visto”, faz ouvir “como discurso o que só era ouvido como ruído.” (RANCIÈRE, 2018, p. 43) Para o autor, o que se conhece usualmente como política é justamente a atividade de estabelecer o status-quo, o que, na verdade, é um ato policial. Para ele a política é a arte do litígio, em que os corpos e as vozes, em ato de insubmissão, expõem suas diferenças e rivalidades, reivindicando visibilidades.

Ensinar literatura é um ato político, uma forma de intervenção social. A arte faz parte de todas as sociedades sob diferentes formas. Um governo autoritário constrange a circulação da cultura e da arte, mas não tem poder para extingui-las. O Ser humano sobrevive porque cria, porque inventa, porque ficcionaliza. E hoje, uma placa tectônica se deslocou; não há mais como ignorar a complexidade do processo e suas relações: grupos diversos se fazem visíveis e rompem a linearidade da história, o que não significa desprezar conhecimentos milenares. Um bom exemplo a ser mencionado é o edital do IEB – Instituto de Estudos Brasileiros – ligado à USP:

O Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da USP recebe até 5 de outubro inscrições para o concurso #pelademocracia. A iniciativa pretende estimular a

*produção cultural de cordelistas e repentistas, freestyle rappers e slammers – artistas que usam a palavra falada para expressar sua mensagem. (Grifos acrescentados)*

A Academia abre-se para receber a diversidade de produção cultural ou caminha até a periferia para aprender com os saraus poéticos. Veja, como mais um exemplo, o caso da Universidade das quebradas, organizada por Heloísa Buarque na UFRJ. O trânsito faz-se como o caminho sempre em construção. Vocês jovens continuam caminhando, seja seguindo os gregos, seja seguindo os indígenas e quilombolas.

Não quero terminar sem me referir a Boaventura Souza Santos em sua proposição de Epistemologias do sul (2009) na busca do diálogo entre povos separados pelas linhas abissais. Acredito que a ideia de ecologia dos saberes condiz com o lugar do ensino da literatura hoje: lugar de partilha, de troca, de interação, lugar de gente que fala, que, como aponta Bakhtin, é o que existe no mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Teses sobre a filosofia da história. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. Prefácio de Jeanne Marie Gagnebin. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

BRANDÃO, Jacyntho Lins (Org.). Literatura mineira: trezentos anos. Belo Horizonte: BDMG Cultura, 2019.

CAMPOS, Haroldo de. O sequestro do barroco na formação da literatura brasileira: o caso Gregório de Matos. São Paulo: Iluminuras, 2011.

DELEUZE, Gilles. Platão e o simulacro. In: Lógica do sentido. Trad. Luiz Roberto Salinas. São Paulo: Perspectiva; EDUSP, 1974. p. 259-271. (Estudos)

KRENAC, Ailton. O amanhã não está à venda. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. Disponível em:

<http://www.zendobrasil.org.br/wp-content/uploads/2020/04/Ailton-Krenak-O-amanha%CC%83-na%CC%83o-esta%CC%81-a%CC%80-venda-1.pdf-1.pdf>, consultado em 16 de outubro de 2020.



MOREIRA, Maria Eunice. História da literatura: algumas considerações teóricas. In: Vidya, revista eletrônica, v. 21, n. 37 (2002).

MORIN, Edgard. Introdução ao pensamento complexo. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MOSER, W; KLUCINSKAS, J. (Orgs.). A estética à prova da reciclagem cultural. Tradução de Cleonice Mourão. In: Scripta, V.11, n. 20, 2007, p.17-42.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível. Trad. de Mônica Costa Neto. São Paulo: Editora 34, 2005.

RANCIÈRE, Jacques. Política da literatura. Tradução de Renato Pardal Capristano. In: REVISTA A! | N. 5, 2016/01 -19.

SANTOS, Boaventura Souza; MENEZES, Maria Paula (Org.) Epistemologias do sul. Coimbra: Almedina, 2009.

WALTY, Ivete. A não violência da literatura. In: TABORDA, Terezinha; WALTY, Ivete (Org.) Escritas da violência. Belo Horizonte: Editora da PUCMinas, (no prelo)

RANCIÈRE, Jacques. O desentendimento: política e filosofia. Trad. Ângela Leite Lopes. São Paulo: Editora 34, 2018.

WALTY, Ivete; LEONEL, Leda; LEONEL, Ana (Org.). CINTA-LARGA, Pichuvy. Histórias de maloca antigamente. Belo Horizonte: Segrac, 1985.

*Ivete Lara Camargos Walty - PUCMINAS/CNPq  
Belo Horizonte, 16 de outubro de 2020*